

**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Especialização em Ensino de Língua
Portuguesa e Diversidade Linguística**

ADELANGE DA SILVA SANTOS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA
VARIACIONISTA NA MÍDIA TELEVISIVA**

**Aracaju
2016**

ADELANGE DA SILVA SANTOS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA
VARIACIONISTA NA MÍDIA TELEVISIVA**

**Aracaju
2016**

ADELANGE DA SILVA SANTOS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA
VARIACIONISTA NA MÍDIA TELEVISIVA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.

Prof. M. Sc. Jackson Francisco de Santana

Profa. Ma. Mônica Maria Soares do Rosário

Adelange da Silva Santos

Aprovado (a) com média: _____

Aracaju (SE), _____ de _____ de 2016.

RESUMO

O modo como falamos carrega vários indícios sobre quem somos, de onde viemos, nossa faixa etária e até os grupos de que fazemos parte, por isso, criticar a maneira como alguém se expressa pode ser uma forma disfarçada de demonstrar o desrespeito por tudo que está por trás da fala, parece só uma questão linguística, mas no fundo é uma discriminação social. A Língua Portuguesa dispõe de um alto grau de variação, e estas variações contribuem para a complexidade das diferentes falas. Todavia, na maioria das vezes, essas diferenças são desrespeitadas e julgadas como um desvio da norma padrão. Neste artigo, buscamos analisar como a norma linguística se faz presente, especificamente, em dois programas de entretenimento de duas das emissoras de maior audiência da televisão aberta nacional, são eles: o Programa do Porchat e o Programa do Jô. Analisaremos também, a variedade da fala, da personagem Tancinha, da telenovela Haja Coração (2016), da Rede Globo, com o objetivo de mostrar que a mídia incute a visão de certo e errado ao falar dos usos da Língua Portuguesa e ao enfatizar o domínio da norma culta à ascensão social, sem considerar as outras formas de uso da língua, pode auxiliar na propagação do preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação linguística. Mídia televisiva. Preconceito linguístico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 Preconceito Linguístico: O que é?.....	10
2.2 O Preconceito Linguístico na Mídia Televisiva: a influência da mídia no uso da linguagem	12
3 TRAJETO-TEÓRICO METODOLÓGICO	14
3.1 Análise dos Dados: influência da mídia no uso da linguagem.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	23
RESUMEN	24

1 INTRODUÇÃO

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.
(Oswald de Andrade).

A escolha do tema para este trabalho de conclusão de curso não se deu por acaso, pois, o que nos desafiou a pesquisar sobre o preconceito linguístico e as variações linguísticas foi a repercussão que causa este assunto, principalmente nos meios midiáticos, em especial, a mídia televisiva.

Sabemos que a língua varia de acordo com o grupo social, econômico, cultural, geográfico, dentre outros, isso quer dizer, que, o indivíduo pode expressar-se de diversas maneiras. E, não é por isso, que o mesmo deve ser discriminado pelo simples fato de não utilizar para sua comunicação a variedade padrão, variedade esta que “ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “erradas” e “pobres”, Bagno (2006, p. 24). Nem todas as variantes linguísticas desfrutam do mesmo prestígio, por serem algumas consideradas menos cultas. Sem embargo, todas as variações devem ser vistas como fator de enriquecimento e cultura e não como erros ou desvios.

De acordo com Castilho (1997), as línguas variam em razão de condicionamentos situacionais que afetam os falantes, tais como o momento histórico em que se acham o espaço geográfico, social e temático em que se movem. O conjunto dessas circunstâncias interage sobre os fatores da comunicação e daqui fluem as variantes linguísticas.

O objetivo deste trabalho é analisar como a mídia televisiva provoca a visão de certo e errado, quando, ao explicar em sua programação os usos da Língua Portuguesa, toma como certo absoluto a “variedade padrão” e erradas as variações que fogem a ela. Além do que, estabelece uma ligação entre o domínio da norma padrão à ascensão social. Pretende-se com essa proposta, abordar o comportamento midiático a respeito das questões sobre variações linguísticas e refletir sobre de que maneira elas influenciam o pensamento do telespectador.

Não é mais possível conceber o tratamento que é dado às variações linguísticas na mídia televisiva, sem levar em consideração toda a discussão sobre variação linguística apresentada pelos muitos estudos sociolinguísticos.

É de extrema relevância que as pessoas reflitam sobre o que são as variações linguísticas, para que se possam corrigir as inúmeras e imensas distorções que implicam esse processo, resultado de um total desconhecimento sobre o assunto.

Sabe-se que há inúmeros trabalhos que abordam a questão do preconceito linguístico, mas poucos falam sobre como a mídia televisiva aborda as variações linguísticas.

Trabalhos que avaliem se a sociolinguística tem interferido no pensamento das pessoas são sempre muito oportunos, ao se considerar que essa é definitivamente uma questão que precisa ser sempre discutida. Acreditamos no desenvolvimento desta pesquisa por ser um tema de fundamental importância na área da Sociolinguística, já que esta vê a língua como um fator social capaz de ser observado. Empenhamo-nos em tal análise por ser uma questão bastante discutida na atualidade. É um tema que vem encontrando espaço nos meios de comunicação, sendo frequentemente tratado em colunas especializadas no assunto com presença constante da mídia impressa e televisiva.

Este trabalho está voltado para um estudo na perspectiva variacionista, que aborda as questões relativas à sociolinguística ou à “Teoria da Variação”, corrente cujo grande expoente é William Labov. Levando em conta, que, a mesma tem como um dos principais objetos de estudo, as variações linguísticas e como ponto de partida para a compreensão dos processos de evolução da língua, o contexto social da comunidade de fala.

Procurando refletir a respeito de tais questionamentos, buscamos analisar como a norma linguística se faz presente, especificamente, em dois programas de entretenimento de duas das emissoras de maior audiência da televisão aberta nacional, são eles: o Programa do Porchat e o Programa do Jô. A escolha dos programas justifica-se por conta da curiosidade de saber se dois programas de auditório, que possuem o mesmo gênero, são unânimes na escolha do vocabulário. Analisaremos também, a variedade da fala, da personagem Tancinha, da telenovela Haja Coração, da Rede Globo, pois chamou-nos a atenção à maneira diferente que a personagem falava e a repercussão preconceituosa por parte de outros personagens, agregado ao gênero novela tomamos como exemplo, uma fala da personagem Zefa da novela Joia Rara também da Rede Globo.

Este trabalho está organizado da seguinte forma, a seguir apresentaremos a fundamentação teórica; no capítulo seguinte trataremos de responder ao seguinte questionamento: O que é o preconceito linguístico? No terceiro capítulo apresentaremos a

metodologia da pesquisa para a elaboração deste artigo. Em seguida discorreremos sobre a influência da mídia no uso da linguagem, fazendo uma análise com o corpus selecionado. E, por fim, as considerações finais do presente estudo, onde elaboramos os parágrafos conclusivos seguidos pelas referências bibliográficas. Posto isto, nos dispomos a analisar este tema fundamentando-nos em autores como Bagno (2006, 2007); Faraco (2008); dentre outros, para uma maior reflexão acerca das variações linguísticas e o preconceito linguístico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo os postulados da Sociolinguística, não existe “erro” em uma construção linguística, uma vez que todas são comunicáveis e apenas representam as variações linguísticas presentes em qualquer língua. Estudiosos da sociolinguística a exemplo de Bagno (2006, 2007), Bortoni-Ricardo (2005), dentre outros, são unânimes ao dizerem que é necessário que se faça uma ampla reflexão acerca do que se referem às variações linguísticas e de que é necessário que haja uma conscientização por parte da sociedade de que é possível falar diferente e não está falando errado.

Na Sociolinguística, a língua deve ser compreendida como um elemento social que representa as diferenças caracterizadas pelos grupos sociais. Labov (1972, p. 271) aponta que as variações sociais e estilísticas desempenham um papel importante na mudança linguística e apresenta como definição de social “os traços linguísticos que caracterizam os distintos subgrupos de uma sociedade heterogênea” e como de ‘estilístico’, “as modificações mediante as quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do seu ato de fala”.

A Sociolinguística é a ciência que estuda a língua na perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina. Para a Sociolinguística, a interação social se dá através da língua, desenvolvendo-se e transformando-se conforme o contexto sócio histórico. Bortoni-Ricardo (2005, p.20) aponta que a Sociolinguística se ocupa, principalmente, “[...] das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão-somente aos aspectos formais da língua”.

É importante ressaltar, ainda, que a Sociolinguística procura estabelecer a relação entre os processos de mudança que ocorrem na estrutura da língua ao longo do tempo com o processo de variação que se observa na língua em um momento específico. Como já mencionado anteriormente, a língua não é estática, ela sofre variações ao longo do tempo, assim, em toda comunidade de fala, há variações linguísticas decorrentes de diversos fatores, como: grupos etários, gênero, questões regionais, econômicas, sociais, grau de escolarização, e essas diferenças, estão relacionadas aos papéis sociais. Na mídia televisiva, por exemplo, pessoas que desempenham papéis de autoridade, como jornalistas, apresentadores, entre outros, procuram usar uma linguagem mais monitorada. Ainda sobre isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) colocam que a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, quer dizer, saber adequar o estilo às diferentes situações comunicativas.

2.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O que é?

Entende-se como preconceito linguístico o julgamento depreciativo contra determinadas variedades linguísticas. Sendo assim, tal preconceito atinge um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. O Preconceito Linguístico é gerado pelas diferenças linguísticas existentes dentro de um mesmo idioma. De tal maneira, está associado às diferenças regionais desde dialetos, regionalismo, gírias e sotaques, os quais são desenvolvidos ao longo do tempo e que envolvem os aspectos históricos, sociais e culturais de determinado grupo.

É sabido que as línguas evoluem e se diversificam ao passar do tempo. Por isso, sendo a língua uma realidade essencialmente variável, não há formas de falar intrinsecamente erradas. A noção de certo e errado tem origem na sociedade, não na estrutura da língua. Segundo Bagno (2006, p. 173) “a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim, um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo”. Isto é, a língua é uma parte efetiva da linguagem que compõe um princípio individual, todavia não é determinada por um único ser, e sim por um grupo social, convertendo-se produto do meio.

Como bem diz Bagno (2006, p. 75 apud Pelinson et al.) “os preconceitos linguísticos impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”. Em outros termos, a língua influencia de maneira determinante na vida dos sujeitos, e a forma como falamos e escrevemos diz muito sobre quem somos e de onde viemos. Isto é, há uma inter-relação entre o linguístico e o social. Assim, considerar a fala do próximo como um erro não implica apenas em questões linguísticas, mas também em questões sociais. Ainda de acordo com o referido autor:

o preconceito linguístico vem sendo alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. Bagno (2007, p. 13).

Comprovando assim, que, a forma de uns se mostrarem superiores a outros com base na maneira como falam, infelizmente, ainda não acabou.

Há muito preconceito decorrente do valor atribuído à variedade padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática

tradicional. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, se tornam objeto de avaliação negativa.

É sabido, que, todas as línguas possuem múltiplas variedades. Essas variedades possuem uma regra que garante a unidade linguística, uma dessas variedades é oficializada como a norma padrão do idioma, além desta, há a norma culta e a norma gramatical.

Conforme se argumentou nas seções anteriores, a norma padrão manifesta-se como uma referência abstrata que determina formas de poder e serve como modelo para uma pequena elite que procura uniformizar o idioma, controlar a mudança e neutralizar a variação da língua. A norma padrão é símbolo dos grupos sociais dominantes e que, tradicionalmente, impuseram um padrão de cultura linguística considerada “correta”. Em relação à norma padrão, FARACO (2008, p.73) afirma que:

A norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística.

A norma padrão, portanto, implica uma construção abstrata e descritiva do idioma, estruturada há algumas centenas de anos com o propósito de uniformizar o português brasileiro. Trata-se de uma variedade que, em si, não passa de um mecanismo que procura minimizar as diferenças sociais e regionais de uso do português, além de exigido em textos de caráter rigorosamente formal.

Quanto à norma culta, Faraco (2008, p. 73) caracteriza-a como “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”, ou seja, “norma culta/comum/standard é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações”.

O autor acrescenta que a norma culta é uma das várias formas de normas, sendo que há valorações sociais distintas entre elas, isto é, em uma concepção puramente linguística, gramatical e sistêmica, as normas se equivalem, já na concepção social não. A norma linguística, assim, é tida como o uso normal da língua nos diversos grupos sociais e, como cada grupo social tem sua norma da língua, não há apenas uma norma linguística, mas sim, várias normas que assinalam a diversidade de grupos que constituem a nossa sociedade.

Dando sequência aos conceitos dos tipos de normas, temos, ainda, a norma gramatical que Faraco (2008, p. 81) conceitua como sendo “o conjunto de fenômenos apresentados como cultos por alguns gramáticos”, ou seja, em consequência da criação da norma padrão, criaram-se gramáticas, todavia, imaginava-se que a criação destas, era para

consolidar a língua e também de padronizá-la de maneira que todos falassem e escrevessem da mesma forma, algo ilusório pelo fato de a língua ser mutável.

É importante ressaltar que as reflexões apresentadas até aqui não são em defesa da queda da gramática e não respeito à norma-padrão. É necessário, é claro, que tenhamos consciência de que há normas que regem e são responsáveis por certa organização de nossa língua. Apesar disso, não devemos nos esquecer do que é gramatical e do que é a língua em movimento, em busca de alcançar sua principal função: a comunicação.

2.2 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA MÍDIA TELEVISIVA: a influência da mídia no uso da linguagem

A influência da mídia televisiva na formação de opinião é sem dúvida avassaladora, usa-se o discurso aliado à imagem seja de fatos, pessoas ou instituições, prendendo ainda mais a atenção do telespectador. A influência do produto televisivo, em especial das telenovelas, nas opiniões e gostos dos brasileiros, gera preconceitos, exclusões e aceitações, que, além de repercussões individuais, trazem impactos sociais.

Segundo Lopes (2003), a TV intervém deliberativamente no nível da estruturação das relações sociais orais: o da apresentação da variedade discursiva da língua e da legitimação desta própria variedade. Para esse autor, ao propagar discursos de personalidades tão variadas como ministros e camponeses, crianças, jovens e velhos, mineiros e cariocas, brasileiros e estrangeiros, a TV põe o seu espectador ante o panorama de uma língua variável e autêntica pela sua própria reprodução pública, contrariando a exclusividade de valorização social do modelo escolar da língua oral. No entanto, a maneira como essas variedades são expostas ao público é, sim, de forma preconceituosa, a fala nordestina, por exemplo, simbolizada nas telenovelas brasileiras, normalmente está associada a um personagem grotesco, pobre, atrasado, criado para provocar o riso e o deboche dos outros personagens e do público em geral. Como afirma Bagno (2007, p. 43-44):

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste.

Jesus (2006) acrescenta que se acostuma, nessas novelas, considerar o Nordeste como um bloco linguístico único, ignorando-se o mosaico que constitui essa região, assim

como qualquer outra. A exemplo disto, podemos destacar, que, em programas humorísticos e telenovelas, a fala dos atores que interpretam personagens nordestinos faz referência aos estereótipos instaurados pelos meios midiáticos, pois, nessas interpretações, os atores falam como se estivessem “cantando”.

A televisão é o meio de comunicação que mais atinge a população brasileira, tudo aquilo que é transmitido pela mídia televisiva é, de certa forma, uma subdivisão da cultura popular e de massa. Os programas apresentados pela televisão brasileira, dessa forma, são considerados formas de expressões culturais e artísticas. Geram, também, a refletividade nos indivíduos que os assistem; uma espécie de autoquestionamento onde, na comparação de suas vidas com o que veem na tela, são tocados não só em suas alegrias e sofrimentos, mas também nas escolhas e necessidades.

Especialmente no viés cultural, os programas televisivos têm o poder de influenciar, ditando moda, expondo temas, ideias e guiando opiniões. É justamente atrelado a esse poder influenciador que a mídia também contribui na propagação de mitos e condições relacionados às questões sociais, podendo ainda enfatizar, conscientemente ou não, alguns discursos e posições ideológicas em vez de outras. A língua, que da mesma forma é um produto social e sofre diretamente influência do tempo e do espaço em que está inserida, está sujeita também às influências da mídia, principalmente pelo modo como é apresentada e empregada em seus variados programas.

A variação linguística e o uso de variedades mais próximas da norma culta são direcionados pela mídia de acordo com o que lhe convém. Há várias situações em que observamos que a mídia, de forma mais ou menos explícita, corrobora para diversas situações de preconceito linguístico. As variedades linguísticas que fogem a culta são por ela estigmatizadas e, muitas vezes, mote para piadas pejorativas.

Na mídia televisiva, por exemplo, normalmente os personagens de nível socioeconômico cultural baixo são desempenhados por sujeitos que não dominam a norma culta, o que nem sempre condiz com a realidade. Em programas de entretenimento, a variedade linguística menos prestigiada é motivo de piada a exemplo do que ocorria com o personagem Nerso da Capitinga, Lucicreider, no programa Zorra Total, entre tantos outros.

Essas variações aparecem em situações humorísticas, motivadas por falantes estigmatizados. É tendência, na mídia televisiva, criar imagem pejorativa de variedades do interior de certas regiões do Brasil, principalmente dos nordestinos. Essa atitude influencia o preconceito que os telespectadores desenvolvem sobre as variedades estigmatizadas, possibilitando a manifestação de avaliações negativas em relação a essas variações.

3 TRAJETO-TEÓRICO METODOLÓGICO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de caráter qualitativo, pois, a nossa preocupação não é com a representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Assim, inicialmente adotou-se um procedimento de análise de bibliografias sobre o tema, para que, em seguida, se procedesse ao recorte temático que se pretendia que é a análise de como vem sendo tratada a questão das variações linguísticas na mídia televisiva.

O trabalho de levantamento bibliográfico tomou como foco as discussões sobre preconceito linguístico ou mesmo as discussões sobre variação, que apontam para a diversidade linguística e para as dificuldades advindas da adoção de uma ou de outra variedade do idioma. Foram pesquisados alguns livros e foram feitas pesquisas na web para a elaboração do material teórico, para depois fazermos, a análise na mídia televisiva, de acordo com o que foi instruído no levantamento bibliográfico. Alguns trabalhos relevantes como os de Ataliba de Castilho (1997), Bortoni-Ricardo (2005), Marcos Bagno (2006, 2007), Willian Labov (2008), foram de suma importância para uma melhor compreensão deste tema.

A televisão exerce amplo controle sobre os fatores políticos, culturais e sociais, e, sendo um produto de fácil acesso está presente na maioria das residências brasileiras, onde passa a exercer todo o seu poder persuasivo. Possuidora de uma abrangência ampla, a televisão aberta dissemina crenças, culturas, ideias. Impulsiona o consumo, estabelece padrões. É inquestionável o seu poder de sedução em relação aos mais diversos telespectadores. São tantas as peculiaridades da televisão aberta e inúmeros os seus interesses, que muitas vezes não percebemos e nem sequer nos indagamos acerca de sua magnitude e do impacto de seu alcance.

Em termos de linguagem, qual é o tratamento dispensado nas telenovelas brasileiras à variação linguística? Existem tratamentos diferenciados à norma linguística dependendo do estilo do programa que está sendo transmitido e do público consumidor final?

Procurando refletir a respeito de tais questionamentos, buscamos analisar como a norma linguística se faz presente, especificamente, em dois programas de entretenimento de duas das emissoras de maior audiência da televisão aberta nacional, são eles: o Programa do Porchat e o Programa do Jô. Analisaremos também, a variedade da fala, da personagem

Tancinha, da telenovela Haja Coração, da Rede Globo. A escolha dos programas se deu por conta da curiosidade de ver como dois programas de auditório, que possuem o mesmo gênero, são tão distintos na escolha do vocabulário. Quanto à personagem Tancinha, chamou-nos a atenção à maneira diferente que a personagem falava e a repercussão preconceituosa por parte de outros personagens, agregado ao gênero novela tomamos como exemplo, uma fala da personagem Zefa da novela Joia Rara também da Rede Globo.

Os programas que serviram de amostra são: o Programa do Porchat, da Rede Record e o Programa do Jô, transmitido pela Rede Globo de Televisão. Foram analisadas duas edições de cada programa, durante os meses de outubro a novembro de 2016, sendo que o Programa do Porchat, da Rede Record, por sua vez, é transmitido das segundas-feiras às quintas-feiras, às 24h15m, e os episódios que serviram de amostra foram exibidos nos dias 13 de outubro de 2016 e 11 de novembro de 2016; já o Programa do Jô, é transmitido das segundas-feiras às sextas-feiras, sempre após o Jornal da Globo, o programa não tem um horário pré-determinado, pois depende da programação da emissora, teve os seguintes episódios analisados: dia 13 de outubro de 2016 e 11 de novembro de 2016. As novelas que serviram de amostra são: Joia Rara exibida entre 2013/2014 e Haja Coração exibida entre maio e novembro de 2016. As cenas analisadas estão disponíveis no site da telenovela e foram escolhidas por mostrar o preconceito linguístico por construções estereotipadas.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS: influência da mídia no uso da linguagem

Após refletirmos quanto às variações linguísticas, preconceito linguístico e às normas linguísticas, e tentando responder ao questionamento feito no início deste estudo se, existem tratamentos diferenciados à norma linguística dependendo do estilo do programa que está sendo transmitido e do público consumidor final, a seguir veremos como este tratamento é dado em dois programas de entretenimento transmitidos por duas grandes emissoras da televisão aberta brasileira: o Programa do Porchat, da Rede Record e o Programa do Jô, transmitido pela Rede Globo de Televisão.

Foram analisadas duas edições de cada programa, durante os meses de outubro e novembro de 2016, sendo que o Programa do Porchat, da Rede Record é transmitido das segundas-feiras às quintas-feiras, às 24h15m, e os episódios que serviram de amostra foram veiculados nos dias 13 de outubro de 2016 e 26 de outubro de 2016; já o Programa do Jô, é transmitido das segundas-feiras às sextas-feiras, sempre após o Jornal da Globo. O programa

não tem um horário pré-determinado, pois depende da programação da emissora, teve os seguintes episódios analisados: dia 13 de outubro de 2016 e 11 de novembro de 2016.

O formato do Programa do Pochat da Rede Record, traz uma proposta alternativa ao jornalismo tradicional apresentado pelas emissoras de televisão. O programa realiza um resumo das notícias, com comentários livres e irreverentes, fazendo uma sátira aos acontecimentos e às personalidades entrevistadas: políticos, artistas, escritores, dentre outros. O programa é apresentado pelo âncora Fábio Pochat. A linguagem, conforme pôde ser observado nos dois episódios analisados, é bastante descontraída. Como se pode notar nos fragmentos abaixo, extraídos da edição do dia 13/10/2016, em que o apresentador entrevistou a youtuber e atriz Kéfera e o programa do dia 26/10/2016, em que o apresentador entrevistou a dupla de cantoras Simone e Simaria.

Fragmentos extraídos do programa exibido em 13/10/2016:

[...]

Kéfera: “*Cara eu já falei de muita coisa...*”.

[...]

Pochat: “*Caraca isso é você?*”.

Kéfera: “*Sim, sou eu*”.

[...]

Pochat: “*Aqui é a pessoa triste, bulinada na escola...*”.

Fragmentos extraídos do programa exibido em 26/10/2016:

[...]

Pochat: “*Bom, mas antes, vamos as notícias*”.

[...]

Pochat: “*Ontem na internet fizeram uma campanha incentivando as mulheres a fazerem o exame preventivo do câncer de mama...*”.

[...]

Pochat: “*Com vocês a dupla feminina mais bombada do momento Simone e Simaria*”.

Pochat: “*E ai, tudo bem com vocês?*”.

Simone: “*E ai, meu amigo...*”.

Simaria: “*Que massa tá aqui com você...*”.

Pochat: “*Ah! Eu que, pow acho massa...*”.

[...]

É notável a presença constante de gírias, como: “cara”, “meu”, “caraca”, “tá joia”, “dá hora”, “valeu”, “massa” etc.; além de expressões como “bota aí pá nós”; “quando cê começou”, “a pessoa bulinada na escola” (que sofreu bulling); “tá ligado”, “e ai meu” etc. O apresentador Fábio Porchat, faz uso da variante diafásica, ou seja, utiliza-se de uma linguagem mista, oras informal, ora formal, modulando seu discurso conforme o seu intuito, pois o seu objetivo é aproximar a sua linguagem, da linguagem do entrevistado e da do público de casa. Quando se utiliza da norma culta, o faz conforme a ênfase que pretende dar à notícia ou aos comentários e questionamentos que realiza durante as entrevistas feitas aos seus convidados, mas a impressão é que tudo transcorre naturalmente.

Como em várias subdivisões do programa há a participação da população, ou de entrevistados múltiplos, observa-se que os convidados procuram falar dentro da norma padrão, com vários adjetivos e palavras peculiares a seu grupo. Quanto à questão de uma padronização da linguagem, percebe-se que se trata de um programa que não segue padrões linguísticos pré-estabelecidos, nem busca uma assepsia no modo de falar, e, embora o programa também trabalhe com quadros de cunho informativo, político e social, o programa não busca a mesma imagem de seriedade transmitida, através de uma linguagem padronizada, comumente observada em muitos outros programas jornalísticos que trabalham com notícias. Percebe-se que o programa não apresenta preocupação em seguir determinada norma linguística ou determinada padronização, pois é o estilo de atração despojada, que busca falar “a língua” de seus telespectadores.

A exemplo disto, podemos observar fragmentos de falas de alguns telespectadores. Os telespectadores 1 e 2 participaram do programa no dia 13/10/2016 e os telespectadores 3 e 4 participaram do programa no dia 26/10/2016:

Telespectador 1: “*Tudo tranquilo*”.

Telespectador 2: “*Tá joia, da hora...*”.

Telespectador 3: “*Gente, nossa, boa noite*”.

Telespectador 4: “*Opa! Brigadão, que legal*”.

Com singularidades e algumas semelhanças com o Programa do Porchat da Rede Record, o segundo programa analisado, neste estudo, trata-se do Programa do Jô da Rede Globo, comandado pelo apresentador Jô Soares. O programa tradicionalmente apresenta entrevistas com convidados diversos. Tais entrevistas são conhecidas por demonstrar a celebrada irreverência de Jô Soares. Conta ainda com um sexteto musical próprio, responsável

pela abertura do programa e pelo acompanhamento de alguns musicais. Jô Soares sempre termina o programa com a frase "beijo do gordo", sendo este, seu principal bordão.

A diversão é assegurada pelas piadas do Jô, que se mostra como uma companhia agradável, sofisticada e inteligente, que irá prover os acompanhantes com informação interessante e novidades do mundo artístico. Jô Soares mostra-se no programa como alguém que entende um pouco de todos os assuntos dizendo com frequência que já leu algo sobre o que o entrevistado está falando, ou que conhece alguém em comum com ele. Entretanto, isso não assume um tom professoral, mas funciona como uma estratégia de tornar a conversa mais interessante e autorizá-lo a fazer aquelas entrevistas.

Diferentemente do Programa do Porchat, encontramos pouquíssimas vezes a presença de variantes menos formal. O âncora do programa procura sempre utilizar a variante padrão da língua. No entanto, assim como o Porchat, o Jô usou expressões como: “ô lôco”, “vamo ver”, “esse homem mim bulinava”, “deixe eu ver” (ao invés de “deixe me ver), e raríssimas vezes trocou o pronome “você” pelo “cê”. Como se pode notar nos fragmentos abaixo, extraídos da edição do dia 13/10/2016, onde o apresentador entrevistou os também apresentadores de televisão, Angélica e Luciano Huck que falaram sobre carreira, família e coisas incomuns a eles. E o programa do dia 11/11/2016, o apresentador entrevistou o médico oncologista, cientista e escritor Antônio Drauzio Varella, para falar sobre sua carreira e o lançamento do livro “Palavras de Médico: ciência, saúde e estilo de vida”.

Fragmentos extraídos do programa exibido em 13/10/2016:

[...]

Jô Soares: “*E ai menina...*”.

Angélica: “*E ai quanto tempo!*”.

[...]

Jô Soares: “*Tem séculos isso...*”.

[...]

Jô Soares: “*... era azul e tinha umas nuvens brancas...*”.

[...]

Jô Soares: “*Que que cê veio fazer aqui?*” .

[...]

Luciano Huck: “*Eu vim só acompanhar...*”.

[...]

Jô Soares: “*... ô loco...*”.

[...]

Luciano Huck: “... vamo levar quem?”.

[...]

Angélica: “*Tô arrasada...*”.

Fragmentos extraídos do programa exibido em 11/11/2016:

Jô Soares: “*Tô vendo que não mereço nenhuma dedicatória*”.

Jô Soares: “*Drauzio vem cá, Drauzio Varella vem cá*”.

[...]

Jô Soares: “*Porque durante meses esse homem me bulinava*”.

[...]

Jô Soares: “*Vamos começar a falar sobre o cigarro eletrônico?*”.

Drauzio Varella: “*Esse cigarro eletrônico tem duas contradições...*”.

[...]

Drauzio Varella: “*E ai você vai pegar adolescentes e vai transformá-los em...*”.

[...]

Jô Soares: “*Cê se lembra de uma matéria que você fez...*”.

[...]

Jô Soares: “*E um cara que era do...*”.

[...]

Drauzio Varella: “*Escorbuto né?*”.

[...]

Jô Soares: “*Eu digo puta, deixe eu ver se peguei isso...*”.

A análise do Programa do Porchat e do Programa do Jô revelou que a forma de apropriação da conversação depende da proposta que o programa pretende firmar com sua audiência. E a verdade é que os apresentadores utilizam a norma não padrão como um jogo de persuasão mais efetivo a fim de atingir determinados segmentos sociais e tornar a conversa mais descontraída.

É perceptível o poder de persuasão que logra a mídia, uma vez que a mesma tem o poder de influenciar os atos e os comportamentos dos telespectadores, determinando o que deve ou não fazer de suas vidas cotidianas, além de utilizar uma linguagem mais popular para

poder conquistar a adesão de seu público que, muitas das vezes, faz uso inadequado de determinadas variações linguísticas, e deixa nítido o preconceito regional em sua trama.

A exemplo disto pode-se citar a fala da personagem Zefa, na telenovela das 18h00m, Joia Rara da Rede globo, que foi exibida no período entre 16 de setembro de 2013 e 04 de abril de 2014. No transcorrer do capítulo 50, exibido no dia 12 de novembro de 2013, a personagem chega do Nordeste para morar no Rio de Janeiro e conversando com sua prima Amelinha pronuncia a seguinte frase:

Zefa *Tu sabe que o Nordeste é atrasado demais pra uma pessoa preparada que nem eu.*

Essa fala representa uma forma de preconceito: o que está em jogo não é somente a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. “Se o Nordeste é “atrasado”, “pobre”, “subdesenvolvido” ou “pitoresco”, então, “naturalmente”, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim” (BAGNO, 2006, p.45).

A influência midiática é tão forte que torna possível a alteração do imaginário das pessoas. Através de uma visão crítica do tema, reconhecemos a influência dos órgãos dos meios de comunicação social na linguagem das pessoas, como os bordões. Estes exercem uma autoridade nas mentes das pessoas e até interferem na forma de ver e de reagir à sua realidade política, social e cultural. Muitos de nós já utilizamos desses bordões de personagens conhecidos na TV, assim como as pessoas que pouco assistem aos programas e mesmo assim fazem uso dessas expressões por se tornarem tão famosas pelo uso e repetição maciça realizada pelos telespectadores.

Atualmente, a maioria das novelas expõe ao público uma imagem estereotipada da concepção de linguagem. Preconceito regional, linguístico, étnico, entre outros, são pontos de partida para as criações de supostos tipos sociais e a partir deles, a criação do que chamam de humor.

Nessa perspectiva, analisamos alguns comentários preconceituosos exibidos na trama de Haja Coração, feitos para a personagem Tancinha, por ter um jeitinho muito particular de falar. A feirante vive se atrapalhando quando o assunto é a “norma padrão da língua portuguesa”. Segundo os autores, isso ocorre porque Tancinha passou a maior parte da infância com sua avozinha italiana, que morava no *interior* de São Paulo. A personagem usa expressões como: “eu mi amo você”, “os sangue mi tão fervendo”, “ eu mi tava errada”, “olha os melão”, “má eu tó toda divididinha”, dentre outras. Durante a trama é visto comentários como: “eu sou mais estudada”, “vá aprender a falar”, “vá estudar gramática”, dentre outros.

Fica evidente o valor que é dado a norma padrão da língua. As cenas analisadas estão disponíveis no site da telenovela e foram escolhidas por mostrar o preconceito linguístico por construções estereotipadas.

Apesar disso, a maioria dos telespectadores não possui uma visão mais ampla de língua, de sua capacidade diversificadora, fazendo com que eles não percebam a intolerância e o preconceito que vão camuflados nas expressões utilizadas no meio televisivo, o que estimula que ele seja visto como algo natural, comum e intrínseco à sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos constatar, a mídia televisiva trata as variações linguísticas como um jogo de persuasão mais efetivo a fim de atingir determinados segmentos sociais. A análise mostra o quanto isso é reproduzido nas telenovelas e em programas de entretenimento. O surpreendente é que essa mesma mídia que por hora mantém esse preconceito com as variações linguísticas, acaba veiculando em seu espaço essas variações.

Mesmo, muitas vezes, indo contra os usos, notamos que os meios de comunicação às utilizam em seus programas ou em suas programações. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que insere sua prática diária uma forma linguística que garanta a comunicação e a audiência, a mídia, paradoxalmente, mantém um nível doutrinário, a defesa de um português “correto”, mostrando certo preconceito com as variedades não padrão da língua.

Assim, foi possível verificar o quanto que a mídia ainda corrobora a existência do preconceito linguístico, pois eles consideram as normas gramaticais como a única maneira correta para se utilizar a língua, desvalorizando as diversidades linguísticas existentes em nosso país.

Tendo a mídia um intenso poder de influenciar o pensamento das pessoas, poderia levar aos telespectadores o respeito a todas as variedades linguísticas, buscando combater os diversos preconceitos inseridos em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____ **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz?** São Paulo: Loyola 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora? – Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- Castilho, Ataliba T. de. **Variação dialetal e Ensino Institucionalizado da Língua Portuguesa**. São Paulo, 1997.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.
- JESUS, E. T. **O Nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2006.
- LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: BAGNO, Marcos; SCHERRE, Marta M. P; CARDOSO, Caroline R. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOPES, José de Souza Miguel. A TV na sala de aula: novas configurações para o saber oral revista on-line Complexus, vol. 1, no 1, UNILESTE-MG, out/dez 2003.
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- PELINSON, Fabiana; DA SILVA, Anderson Lopes; RIBEIRO, Regiane Regina. **Usos dialetais, estereótipos e preconceito linguístico na telenovela “Flor do Caribe”**. Vozes e Diálogo, v. 13, n. 01, 2014.

RESUMEN

La forma en que hablamos lleva varias pistas acerca de lo que somos, de dónde venimos, nuestra edad y hasta los grupos a los que pertenecemos, por lo tanto, criticar la forma en que alguien se expresa puede ser una forma encubierta de mostrar falta de respeto por todo lo que es detrás de la palabra, sólo parece una cuestión lingüística, pero en el fondo es la discriminación social. Los portugueses tienen un alto grado de variación, y estas variaciones contribuyen a la complejidad de las diferentes palabras. Sin embargo, en la mayoría de los casos, estas diferencias no son respetadas y juzgadas como una desviación de la norma estándar. En este artículo, analizamos la norma lingüística que está presente específicamente en dos programas de entretenimiento de las estaciones de mayor audiencia de televisión de difusión nacional, que son: el Programa Porchat y Programa do Jô. También vamos a analizar la variedad de expresión, carácter Tancinha, la telenovela: Hay corazón (2016), Globo. Con el fin de demostrar que los medios de comunicación infunde el punto de vista correcto y lo incorrecto hablar de los usos de la lengua portuguesa y haciendo hincapié en el ámbito de las normas culturales a la movilidad social sin tener en cuenta las otras formas de uso del lenguaje, pueden ayudar en la difusión de la discriminación lingüística.

Palabras clave: Variación lingüística. Medios de televisión. Prejuicio lingüístico.